

Revista MTA

Tema Central - A verdade em democracia

Tive oportunidade de participar, há dias, numa reunião dos Heróis da Nossa Geração. Perguntava-me o Lourenço Almeida e Silva, no âmbito dessa reunião, de que forma conciliava eu a crença na existência de uma verdade com a lógica democrática. Na verdade, esta é uma questão que já me deu muitas dores de cabeça: deve um dirigente político subalternizar as verdades contidas na sua fé e no seu conceito de moralidade em favor da vontade da maioria?

Diz-se que a crença na existência de uma verdade é incompatível com a lógica democrática (e exemplo disso seriam as experiências totalitárias do século passado). Sob o pretexto de que nenhum homem dispõe da necessária legitimidade, autoridade e razão para compreender a realidade, em toda a sua plenitude, veio-se difundindo largamente a ideia de que a verdade é relativa ou subjectiva. O que é bom ou mau, certo ou errado, depende da apreciação pessoal de cada um. Consequentemente, todas as decisões que estejam associadas à esfera pública devem ser tomadas em função da vontade da maioria, nunca em função das convicções de uma única pessoa.

Creio ser errada esta concepção. E neste particular vale a pena atermo-nos aos ensinamentos dos três últimos sucessores de São Pedro, para depois extrairmos uma evidente conclusão. O Papa Francisco escreveu que «numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjectiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projecto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais». Bento XVI defendeu que, «sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social, e a actividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder, com efeitos desagregadores na sociedade (...)». São João Paulo II ensinou que «se não existe nenhuma verdade última que guie e oriente a acção política, então as ideias e as convicções podem ser facilmente instrumentalizadas para fins de poder. Uma democracia sem valores converte-se facilmente num totalitarismo aberto ou dissimulado, como a história demonstra».

Em suma: os perigos que uma atitude de aversão à verdade pretende afastar são os mesmos a que conduz a postura relativista. Numa sociedade em que não existe um mínimo denominador comum, cada um tenderá a aproveitar-se dos meios à sua disposição para materializar a sua verdade. As experiências totalitárias, ao contrário do que se vem ensinando, resultaram precisamente da negação da existência de uma verdade objectiva. Foi a prostituição da verdade que conduziu a acção dos regimes totalitários e ceifou a vida de milhões de pessoas. Tivesse a matança discriminatória sido impedida pelo reconhecimento de que todos os seres humanos são iguais em dignidade e muitas vidas haviam sido poupadas. Por isso, é importante concluir: a crença na existência de uma verdade não só não é incompatível com a lógica democrática como é o seu único porto seguro.



Índice

A verdade em democracia	1-2
Figura do mês	2
Beatições em poucas linhas	3
Entrevista – Afonso CR	3
Este mês e o próximo	4





Note-se, contudo, que a verdade não pode ser imposta. Como escreveu Paulo VI, «a verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte». A autoridade da verdade advém-lhe do seu próprio conteúdo. São ilustrativas, a este respeito, as palavras de Gandhi: “Quando li o Evangelho e cheguei ao Sermão da Montanha, comecei a penetrar em profundidade o ensinamento cristão. O ensinamento do Sermão da Montanha fazia ressoar em mim alguma coisa aprendida durante a infância, alguma coisa que parecia pertencer ao meu ser e me parecia ver realizar-se na minha vida de todos os dias...”.

O reconhecimento da existência do direito natural e de uma verdade objectiva parece-me, por isso, a melhor forma de defendermos a dignidade humana e o próprio sistema democrático. Não deixa de ser, por isso, ilegítima, a título de exemplo, uma lei que discrimine pessoas de uma determinada raça, cor ou etnia - ainda que ela tenha sido precedida de uma consulta popular que aponte nesse sentido - porquanto ela contradiz uma verdade contida na nossa própria natureza e inscrita nos nossos corações: a de que todos somos iguais em dignidade.

Pedro Morais Vaz, 23 anos

Figura do mês

Gertraud von Bullion



Nasceu em 11 de Setembro de 1891, em Würzburg/Alemanha.

Em 1917, por meio dos Congregados, tem os seus primeiros contactos com o Movimento de Schoenstatt e assim tomou conhecimento da Aliança de Amor com a Mãe Três Vezes Admirável.

Gertraud von Bullion é a primeira mulher a ingressar no Movimento Apostólico de Schoenstatt, tornando-se co-fundadora da coluna feminina. A Aliança de Amor, que ela selou em 8 de Dezembro de 1920, tornou-se o acto de fundação da União Apostólica Feminina de Schoenstatt.

Enquanto dedicou todas as suas forças, como enfermeira da Cruz Vermelha, aos feridos e doentes nos campos de batalha, contraiu tuberculose. No final da sua vida, debilitada fisicamente, ofereceu em silêncio o seu sofrimento e sua dor para o pleno florescimento da Obra de Schoenstatt.

Morreu em 11 de Junho de 1930, depois de ter vivido uma vida de sofrimento e santidade, deixando-nos o seu maior estímulo: servir!

“Quantas vezes o nosso coração tem que se elevar ao juramento do amor, até que nele nasça a força para o fruto do sacrifício? Uma árvore tem de produzir muitas flores, até que ela possa dar um fruto, tem de inflamar-se muito amor numa alma, até que ela se torne pronta para o sacrifício. Dos primeiros cristãos dizia-se: Sangue de mártires, semente de cristãos. Também nós temos de semear, como o faziam os primeiros cristãos... Não o sangue do nosso corpo, mas o sangue do coração por meio do sacrifício, da morte do próprio eu.

Fazei que eu não me canse no meio do caminho.

Meu Salvador, ensina-me a nunca parar no sacrifício, ajuda-me para que jamais eu diga: basta!

Aspirar a santidade significa ter a boa vontade, o anseio pela perfeição, e isto a Mãe de Jesus nos presenteou. Ajuda-nos sobretudo a consolidar e a aprofundar o Reino de Deus, primeiro na própria alma, por meio de um trabalho incansável no aperfeiçoamento próprio, para que assim possamos tornar-nos aptos para actuar também a favor dos outros como amor apostólico.”

No passado mês de Outubro decorreu em Roma o Sínodo Extraordinário sobre a família. O que nos podes contar sobre esse acontecimento?

Em primeiro lugar, gostava de explicar o que é um Sínodo e o carácter especial deste último que a Igreja acabou de viver. Um Sínodo é uma reunião de Bispos, convocada pelo Papa, para discutir um tema sobre o qual se quer partilhar experiências, trazer luz, e descobrir a maneira de a Igreja o encarar. Isto envolve ouvir relatos e vivências de Bispos do mundo inteiro, perceber problemas, discutir e propor. Um Sínodo difere de um Concílio pois envolve um número limitado de Bispos e o seu objectivo é dar respostas a um assunto concreto, ao passo que um Concílio envolve muitos mais Bispos reflectindo sobre temas mais abrangentes. Apesar de um Sínodo servir para ouvir as opiniões de Bispos espalhados pelo mundo inteiro e produzir uma opinião sobre o tema discutido, é importante referir que é apenas um órgão consultivo do Papa que decide por ele próprio diante de Deus, inspirado pelo Espírito Santo, o que deve concluir sobre o Magistério da Igreja. Este último Sínodo que acabámos de viver foi um Sínodo Extraordinário sobre os “desafios pastorais da família no contexto da Evangelização”, que o Papa decidiu convocar um ano antes do Sínodo Ordinário se debruçar sobre o tema relacionado e definido como “a vocação e a missão da família na Igreja no mundo contemporâneo”. Esta sequência de Sínodos demonstra uma forte vontade do Papa Francisco de dedicar a sua atenção às famílias numa altura em que o mundo as anda a banalizar e em que muitas encontram dificuldades no seu caminho. A Igreja quer assim aprofundar o tema da família e encontrar melhor forma de as chamar à Igreja e fazê-las perceber a sua vocação especial no plano de Deus. Isto inclui claro, dar auxílio às pessoas que se encontram mais longe da Igreja e tentar voltar a aproximá-las, qualquer que seja o seu afastamento ou pecado.

Durante o Sínodo houve uma grande agitação. Ouvia-se falar em “progressistas” e “conservadores”, discussões entre Cardeais, desacordo, problemas com homossexuais e segundas uniões, tudo parecia uma grande confusão... Como se explica tudo isto?

Como já se anunciava, o Sínodo teve o seu quê de discussão sobre alguns assuntos sensíveis em que nem todos estão de acordo. Só por si, este facto iria gerar muita conversa sobre “o rumo que a Igreja vai tomar”. A acrescentar a isto, no meu ponto de vista, foram feitas umas péssimas opções mediáticas e de divulgação por parte da equipa organizadora do Sínodo. Começando pelo mais grave na minha opinião: as escolhas de comunicação feitas durante o Sínodo. A Santa Sé não soube divulgar o que se estava a passar verdadeiramente no Sínodo e isso gerou muita confusão: foram discursos que não vieram a público quando se pediu para saber o que se estava a passar, relatórios enviesados e mal escritos que foram divulgados em momentos pouco oportunos, e uma tentativa de manipulação da opinião. A juntar a isto tudo, temos sempre a habitual desgraça da comunicação social que é demasiado mundana para entender o que quer que seja da Igreja.... Enfim, juntando tudo, uma salganhada! E o pior nisto tudo, é a confusão toda que gerou nos fiéis por causa do “vai, não vai”. Em relação às discussões sobre os temas mais “polémicos” tais como o acolhimento da Igreja às pessoas em segundas uniões e aos homossexuais, eu diria sem querer entrar em grande detalhe que ainda há muito para descobrir e discutir. A Igreja sabe que tem que professar a Verdade, a mensagem de Jesus Cristo, para nos conduzir a todos ao Pai Eterno e ser fiel ao Seu Amor. E sabe que nesse caminho não se pode enganar. Tem que procurar na Bíblia e na teologia as respostas e estas soluções, e não pode “inventar” doutrina ou seguir um caminho incerto. Por isso, tenho plena confiança que antes de serem tomadas decisões e posições precipitadas, haverá muito lugar para um estudo aprofundado da Palavra de Deus e do Sagrada Tradição para se poder encontrar a Verdade e anunciá-la aos fiéis. A Igreja tem que ter e terá todo o cuidado pois sabe o mal que poderia vir se começar a proclamar uma mentira mundana. No entanto, no meio de tanta confusão e pareceres, sei que não nos devemos preocupar. A Igreja é de Deus e inspirada pelo Espírito Santo. Aqui ficam algumas palavras do Papa no final do Sínodo que servem para nos recordar aquilo que é o dever da nossa Santa Igreja: «a Igreja é de Cristo – é a sua esposa – e todos os bispos, em comunhão com o Sucessor de Pedro, têm a missão e o dever de custodiá-la e de servi-la, não como donos, mas como servidores. O Papa, neste contexto, não é o senhor supremo, mas sim um supremo servidor – o “servus servorum Dei”; o garante da obediência e da conformidade da Igreja à vontade de Deus, ao Evangelho de Cristo e à Tradição da Igreja, deixando de lado todo arbitrio pessoal, mesmo sendo – por vontade do próprio Cristo – o “Pastor e Doutor supremo de todos os fiéis” (Can. 749) enquanto gozando “da potestade ordinária que é suprema, é plena, imediata e universal na Igreja” (cf. Cann. 331-334).»

Quais são os próximos passos agora? O que falta fazer?

No final do Sínodo 2014 foi redigido um relatório que tentou resumir tudo o que foi discutido e que deve agora servir como guião para se continuar a discussão e o aprofundamento do tema da família durante este próximo ano, até se chegar ao Sínodo de 2015 onde as conclusões dos trabalhos serão apresentadas ao Papa. É de se esperar então que após Outubro de 2015, o Papa faça o discernimento sobre tudo o que lhe apresentarem e escreva uma carta chamada Exortação Apostólica onde virá dar as respostas que todos procuramos, à luz da Cristo e da sua mensagem. Enquanto se dá este aprofundamento, o nosso dever como cristãos é rezar pelo Papa e pelos Bispos pedindo que o Espírito Santo os ilumine para que professem sempre a Verdade, em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor, encontrando as formas pastorais adequadas para cuidar das famílias, grande dom de Deus à humanidade, e levá-las àquele que é o Pai Supremo do Amor.

Beatices em poucas linhas - Concílios... e mais Concílios

Hoje em dia está na moda invocar o Concílio Vaticano II quando se fala da Igreja, porque de certa maneira este proclamou importantes verdades de doutrina que foram aplicadas (umas bem, outras menos bem) à vida dos católicos. O que se calhar não sabemos é que este já foi o 21º Concílio Ecuménico (Ecuménico: Universal, ou seja com toda a Igreja). Como a doutrina da Igreja considera que os Concílios são infalíveis, é fundamental conhecer o que foi dito nos mais importantes, para assim solidificar a nossa fé. São de particular interesse os quatro primeiros: Nisseia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia. Desenrolaram-se entre os anos 325 e 451, e foram todos convocados principalmente para esclarecer confusões que se iam gerando sobre quem eram Deus, Jesus e Maria. A essas confusões dão-se o nome de heresias.

Em Nisseia, 325, combateu-se a heresia do arianismo (do bispo Ário) que defendia que Jesus era um sub-Deus, e assim evitava a confusão de duas pessoas distintas (o Pai e o Filho) serem um só Deus. O bispo Ário foi exilado e compôs-se o Credo, que ainda hoje recitamos, e que afirma a igualdade da natureza divina do Pai e do Filho.

Em Constantinopla, 381, foi atacada a heresia do macedonianismo (do patriarca Macedónio) que negava a divindade do Espírito Santo. Ficou assim oficialmente estabelecida a noção de Trindade, e acrescentou-se umas linhas ao Credo de Nisseia para reafirmar a divindade do Espírito Santo.

No Concílio de Éfeso, 431, condenou-se o nestorianismo (do bispo Nestório), heresia que negava o título de Mãe de Deus dado a Maria, preferindo sim o título de Mãe de Cristo. Além disso, condenou-se o sabelianismo, que defendia que a trindade não são três pessoas distintas, mas sim três faces de um mesmo Deus, e o pelagianismo, que negava o pecado original.

Finalmente, em Calcedónia, 451, condenou-se a heresia do monofisismo, que defendia que Jesus só tinha uma natureza divina, não possuindo a natureza humana. Declarou-se assim que Jesus tinha uma natureza humana e uma divina, unidas na sua pessoa.

E isto são só brevíssimos resumos dos quatro primeiros! Para defender a verdadeira fé, como se vê, não havia cá papas na língua!

Diogo Bragança, 21 Anos

Universitários de Schoenstatt

Contacto:

oomgoncalo92@gmail.com
919059376

Site

<http://www.porta-da-europa.pt/>

Lema

+Geração Missionária, chegou a tua hora+

Capital de Graças

Este mês rezamos por:

Juventude
Femenina

Este mês e o próximo

Mês de Outubro

- No dia 4 de Outubro aconteceu a “Caminhada pela Vida” onde o Ramo esteve presente! Apesar de no geral não ter havido muitas pessoas, é incrível o número de jovens mais novos que foram.
- 100 anos de história e de Aliança! Encontro em Schoenstatt com 15.000 pessoas e em Roma com o Papa cerca de 8.000 marcaram presença na audiência. Vale a pena ver a audiência no seu todo:

https://www.youtube.com/watch?v=C5I_FF0Pj7Q

Mês de Novembro

- Neste mês o Pe Kentenich faria 129 anos! Ainda na indefinição de se foi no dia 16 ou 18 (O grande Gonçalo Oom Alves Cardoso completa os seus 22 anos no dia 18 por isso podemos assumir que é neste dia)
- Vamos ter o próximo Hora com Deus ainda com data a definir!

